

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXIV nº 1503 | 16/12/2019 a 22/12/2019

Tiragem desta edição 26.000 exemplares



CONJUNTURA

UMA LUPA SOBRE OS CUSTOS

Levantamento do Sistema FAEP/SENAR-PR
permite identificar as transformações na
avicultura e suinocultura do Paraná

sistemafaep.org.br



Aos leitores

Em qualquer curso básico de administração financeira, a primeira lição é “não se deve gastar mais do que se ganha”. Mas, para saber o quanto do seu dinheiro pode ser comprometido é fundamental saber quanto gasta. Essa velha máxima da economia também vale para o meio rural. Cada vez mais, os produtores precisam ter claro, de forma contabilizada, o custo de produção da atividade. Afinal, sem essa noção, impossível saber se a remuneração paga pela indústria é justa ou não.

Especificamente na avicultura e suinocultura, o Sistema FAEP/SENAR-PR promove o levantamento dos custos de produção, o que ajuda, e muito, os pecuaristas envolvidos com as duas atividades. Duas vezes por ano, esses números minuciosos e totalmente alinhados com a realidade do campo (afinal, é lá que são colhidos, sem qualquer trocadilho) são disponibilizados aos produtores, nas mais diversas plataformas físicas e digitais da entidade.

A matéria de capa deste Boletim Informativo trata disso, dos custos de produção da avicultura e suinocultura paranaense. É um compilado minucioso de dados, que envolvem informações de todos os elos da produção, dos mais variados sistemas das duas atividades. Um material precioso, que se usado de forma eficiente, além de permitir enxergar da porteira para dentro, também pode render bons negócios do lado de fora. E, para isso, os pecuaristas do Paraná não precisam de aula de administração financeira. São verdadeiros professores!

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Ivo Pierin Júnior, Valdemar da Silva Melato e Nelson Natalino Paludo | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Julio Cesar Meneguetti e Mario Aluizio Zafaneli

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Marcos Junior Brambilla - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Nelson Costa - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos, Robson Vilalba e William Goldbach | **Contato:** imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1503:

Fernando Santos, AEN, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE



SUINOCULTURA

Levantamento dos custos de produção realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR indica conjunturas diferentes dentro da atividade

PÁG. 4

SANIDADE

Mapa reconhece Paraná como área livre de peste suína clássica, gerando credibilidade junto aos compradores

Pág. 3

AVICULTURA

Melhora nos itens necessários para a produção aponta para recuperação neste final de ano e boa perspectiva para 2020

Pág. 12

LUTO

Sistema sindical rural paranaense perdeu importantes líderes no mês de novembro

Pág. 19

CAMPANHAS

Confira as fotos do Outubro Rosa e Novembro Azul produzidas pelos colaboradores dos sindicatos rurais

Pág. 20

AGRINHO SOLOS

Escolas de Castro premiadas no concurso do SENAR-PR participam da comemoração do Dia Mundial do Solo

Pág. 22

Paraná reconhecido como área livre de peste suína

Com a medida, Estado foi desmembrado de um grupo formado anteriormente por 14 unidades federativas



Reconhecimento comprova sanidade da suinocultura paranaense

O Paraná está oficialmente reconhecido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) como área livre da peste suína clássica (PSC). A medida, assinada pela ministra Tereza Cristina, no dia 6 de dezembro, durante Encontro Estadual de Cooperativistas, em Curitiba, desmembra o Estado de um grupo que era formado por 14 unidades federativas. A assinatura do documento partiu de uma ação do deputado Pedro Lupion e do deputado estadual Antônio Anibelli Neto.

O Paraná conquistou o reconhecimento internacional concedido pela Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) em 2016. Porém, com o recente documento do Mapa, o Paraná não fica vulnerável a eventuais casos de peste suína clássica na área não livre.

“Esse ato representa muito para o Estado, que ganha condições importantes

para a exportação da carne suína. Agora, o Paraná está entregando tudo aquilo que o mundo precisa”, destacou a ministra. “É muito importante estrategicamente para o nosso Estado esse reconhecimento. Uma chancela que dá tranquilidade para os compradores internacionais”, complementou o governador do Paraná, Carlos Massa Junior.

Presente no evento, o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, reforçou a importância deste atestado de sanidade e qualidade para o Paraná, ainda mais em um momento em que China tem elevado as compras do Brasil, não apenas de carne bovina, mas de frango e suínos, reflexo da peste suína africana que vêm assolando rebanhos da Ásia e parte da Europa. “Dentro e fora da porteira, a suinocultura do Paraná é de qualidade. Com mais essa medida, deixa-

mos claro para o mercado interno e para o mundo que estamos prontos para atender qualquer demanda”, afirmou Meneguette.

Mercado

A partir da validação da normativa, o Paraná passa a integrar um bloco, junto com Santa Catarina e Rio Grande de Sul, de Estados completamente livres da doença. Isso, além de reforçar as condições sanitárias e de vigilâncias do Estado, permite melhores condições perante o mercado para a exportação da carne suína.

Atualmente, o Paraná tem o segundo maior rebanho de suínos do país, com produção de 840 mil toneladas em 2018 (21,3% da produção nacional), e o terceiro em comércio exterior de suínos, com 107 mil toneladas exportadas no ano passado (16,8% do total brasileiro).



Uma atividade, duas realidades

Levantamento dos custos de produção realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR aponta cenários diferentes entre produtores independentes e integrados

Por Felipe Aníbal

O levantamento dos custos de produção realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, em novembro, revelou que a suinocultura paranaense passa por um período de recuperação,

mas com duas realidades bem diferentes, de acordo com a fase de produção. Os pecuaristas independentes ou cooperados – que se dedicam ao ciclo completo da cadeia – vivem



um ótimo momento, com queda dos custos de produção e aumento da receita. Por sua vez, os suinocultores integrados permanecem sob alerta: a remuneração que recebem das agroindústrias permite cobrir os gastos operacionais das granjas, mas, no médio e longo prazos, enfrentarão dificuldades de se manter na atividade. Os dados retratam a conjuntura das regiões Sudoeste e Oeste do Paraná.

No ciclo completo, o custo de produção recuou 0,44% em relação ao levantamento anterior, realizado em junho deste ano. Paralelamente, esses produtores independentes conseguiram comercializar o quilo de suíno vivo, em média, a um preço 6,5% maior. Nas contas deste sistema produtivo, o saldo de custo total (sobra ao suinocultor, após pagar os custos de operação, a depreciação das máquinas e equipamentos e a remuneração do capital investido) ficou em R\$ 0,64 por quilo de animal produzido: quase o dobro em comparação com o primeiro semestre.

“Dentre todas as fases de produção, o produtor obteve melhor rentabilidade no ciclo completo”, resume Nicolle

Wilsek, técnica do Departamento Técnico (Detec) do Sistema FAEP/SENAR-PR, que acompanha a cadeia da suinocultura. “Esse desempenho positivo se deve a uma série de fatores, principalmente pela queda dos custos e melhora na rentabilidade direta do produtor. É um sistema de produção em que o produtor pôde aproveitar a conjuntura positiva da suinocultura”, analisa Luiz Eliezer Ferreira, técnico do Departamento Técnico Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Em regra, os produtores independentes conseguem surfar no bom momento da atividade por conta das particularidades deste modo produtivo. Como, além de serem donos do plantel e das instalações, eles também são responsáveis pela comercialização dos animais. Ou seja, conseguem se favorecer de forma mais direta em períodos de demanda aquecida, obtendo um preço melhor pelo produto. Em contrapartida, não têm garantias de que sua produção será absorvida em períodos de oscilação de mercado – como o que ocorre com os produtores integrados.

Suinocultura na balança

Veja o resultado do saldo de custos aferidos pelo levantamento e a variação em relação ao estudo anterior

Produtor Integrado						
Crechário (Comodato)	Região Sudoeste			Região Oeste		
	Jun/19 (R\$/Kg)	Nov/19 (R\$/Kg)	Variação (%)	Jun/19 (R\$/Kg)	Nov/19 (R\$/Kg)	Variação (%)
Saldo dos Custos Variáveis	-1,67	-0,75	55,32	4,23	0,82	-80,61
Saldo do Custo Total	-7,00	-6,08	13,95	1,87	-5,70	-404,81

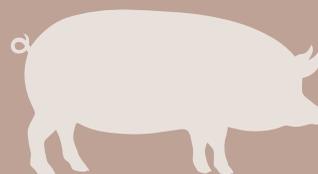
UPD	Região Sudoeste			Região Oeste		
	Jun/19 (R\$/Animal)	Nov/19 (R\$/Animal)	Variação (%)	Jun/19 (R\$/Animal)	Nov/19 (R\$/Animal)	Variação (%)
Saldo dos Custos Variáveis	11,25	20,84	85,20	10,89	30,98	184,48
Saldo do Custo Total	-0,97	10,60	1.193,00	0,13	20,11	15.369,23

UPD (Comodato)	Região Sudoeste			Região Oeste		
	Jun/19 (R\$/Animal)	Nov/19 (R\$/Animal)	Variação (%)	Jun/19 (R\$/Animal)	Nov/19 (R\$/Animal)	Variação (%)
Saldo dos Custos Variáveis	9,15	5,92	-35,27	4,26	3,25	-23,54
Saldo do Custo Total	-2,93	-4,39	-50,10	-6,37	-7,42	-16,53

UPL	Região Sudoeste			Região Oeste		
	Jun/19 (R\$/Kg)	Nov/19 (R\$/Kg)	Variação (%)	Jun/19 (R\$/Kg)	Nov/19 (R\$/Kg)	Variação (%)
Saldo dos Custos Variáveis	1,53	2,49	63,20	1,30	3,65	181,00
Saldo do Custo Total	-0,85	1,92	326,70	0,74	3,07	315,10

UPL (Comodato)	Região Sudoeste			Região Oeste		
	Jun/19 (R\$/Animal)	Nov/19 (R\$/Animal)	Variação (%)	Jun/19 (R\$/Animal)	Nov/19 (R\$/Animal)	Variação (%)
Saldo dos Custos Variáveis	6,83	8,26	21,04	4,55	6,20	36,35
Saldo do Custo Total	-8,52	-4,80	43,62	-7,63	-6,96	8,70

UPT (Comodato)	Região Sudoeste		
	Jun/19 (R\$/Animal)	Nov/19 (R\$/Animal)	Variação (%)
Saldo dos Custos Variáveis	-16,38	5,03	130,76
Saldo do Custo Total	-29,78	-2,15	92,75



Alerta na integração

Nas diversas fases da integração, os suinocultores tiveram, de modo geral, um respiro, com um cenário menos duro em relação ao apontado no levantamento anterior. É o que ocorreu, por exemplo, na fase crechário, na região Sudoeste. Os custos de produção tiveram queda significativa de 3% e os produtores receberam 7% a mais pelo quilo do suíno. Ainda assim, o saldo do custo total continuou no vermelho. Nas unidades produtoras de leitão (UPLs) gerenciadas em regime de comodato, nas regiões Oeste e Sudoeste, o movimento foi parecido: redução de custos e aumento de receita, mas com a atividade ainda em saldo negativo.

“Apesar da melhora em comparação ao primeiro semestre e apesar do bom momento do setor, o produtor dessas fases não consegue cobrir todos os seus custos. No médio prazo, ele pode ter dificuldade para se manter na atividade. Realmente, é um sinal amarelo que se acende”, observa Ferreira.

Nas unidades produtoras de leitões desmamados (UPDs) gerenciados em regime de comodato os resultados também foram negativos, tanto no Sudoeste quanto no Oeste. O saldo dos custos variáveis, em ambas as regiões, foi positivo, mas em patamares inferiores aos do primeiro semestre. Por isso, o saldo do custo total ficou ainda mais negativo.

Em outras fases da integração, a tendência foi de início de reversão do cenário negativo registrado no início do ano. Boa parte deste movimento se deve à redução dos custos de produção. Nas Unidades Produtoras de Terminação (UPT) em regime de comodato, o peso da mão de obra caiu 53% e o da manutenção, 63%. Com isso, o saldo dos custos variáveis saiu do vermelho. O saldo de custos total continua no negativo, mas em um índice muito menor em relação ao primeiro semestre, o que indica uma tomada de fôlego para este setor.

Na UPL da região Sudoeste, as despesas das granjas caíram, principalmente a taxa de depreciação, que recuou 16%. Além disso, o quilo do leitão teve aumento médio de 11%, colocando a atividade em superávit. Na região Oeste, os custos aumentaram (13,4% a alimentação e 24% a energia), mas o preço do leitão aumentou ainda mais (46%), compensando a oscilação e garantindo ganhos para o produtor nesta fase da integração.

“O aumento expressivo do produto gerou um aumento de receita às UPLs de ambas as regiões. É uma fase produtiva em que se observou um bom aproveitamento do momento positivo pelo qual passa a suinocultura”, diz Ferreira.

Produtor Independente/Cooperado			
Ciclo Completo	Região Sudoeste		
	Jun/19 (R\$/Kg)	Nov/19 (R\$/Kg)	Varição (%)
Saldo dos Custos Variáveis	0,54	0,85	57,56
Saldo do Custo Total	0,33	0,64	96,67

Fonte: Levantamento dos custos de produção/Sistema FAEP
Elaboração: Infografia



Reflexo dos números

O suinocultor Mateus Bellé, 25 anos, mantém uma UPD com 550 fêmeas reprodutoras, em Nova Prata do Iguaçu, no Sudoeste do Paraná. Ele aponta que a remuneração recebida permitiu que a atividade fechasse o semestre no azul. Apesar disso, o descompasso do que a empresa paga pelas instalações e equipamentos não são suficientes para cobrir a depreciação dos itens. Por isso, ele prevê dificuldades a todos os suinocultores da região quando precisarem renovar a infraestrutura das granjas.

“No curto prazo, a atividade está se pagando. Mas se for colocar na ponta da caneta, a depreciação pode inviabilizar o negócio lá na frente. Vai chegar um ponto em que o produtor precisará fazer um investimento grande para manter a produtividade. Eu duvido que tenha um produtor, hoje, com dinheiro em caixa para fazer esse investimento alto. Tem que ir para o banco e pedir financiamento. A longo prazo, a atividade não está se pagando”, diz Bellé. “Já teve vez de a empresa questionar o porquê de não investirmos mais em infraestrutura. Não investimos simplesmente porque não temos remuneração”, acrescenta.

Apesar de ter reformado a granja em 2017 e ter feito uma série de melhorias na propriedade, Bellé planeja deixar a atividade. Com a UPD à venda, a intenção é se dedicar exclusivamente a outras atividades em que a família já atua, como a piscicultura, a bovinocultura e a produção de grãos. “Apesar do cenário positivo para a suinocultura, eu pretendo sair. É uma atividade que deman-

da um grande capital e tem inúmeros fatores que podem interferir. A rentabilidade é mínima para muito trabalho”, diz.

Em Dois Vizinhos, o produtor Miguel Orlando Thomas se mantém na suinocultura há 14 anos. Hoje, ele administra uma UPL com 650 matrizes e tem acompanhado de perto as negociações com as agroindústrias, para se obter uma remuneração mais justa. Ele aponta que o levantamento tem ajudado a corrigir distorções, mas avalia que a planilha praticada pelas empresas ainda está distante da realidade de mercado, no que diz respeito a alguns pontos específicos.

“Nós vínhamos havia três anos sem reposição de perdas. Quatro meses atrás, tivemos reajuste de 3%. Nos últimos dias, tivemos mais 3%. Ficou um pouco ‘menos pior’, mas ainda está defasado em relação aos custos que a gente tem”, ressalta o suinocultor, de 51 anos.

Além das despesas de instalações, o produtor menciona defasagem da remuneração por combustível utilizado pelas granjas e do quadro de funcionários previstos, que não leva em conta férias e verbas rescisórias. “Por exemplo, uma granja que tenha seis funcionários, a cada dois meses, vai ter um em férias. O produtor tem que dar um jeito de cobrir esse funcionário. Também tem toda essa questão relacionada ao passivo trabalhista. Tudo isso, traz um impacto grande no médio e no longo prazo”, exemplificou. “Nossa expectativa é que nas próximas reuniões a gente consiga oficializar uma planilha que seja consenso entre os dois lados. Daí, vai arredondando”, acrescenta.



Bellé: a longo prazo, a atividade não está se pagando



Levantamento funciona como ferramenta de negociação

O levantamento de custos realizado pela FAEP é usado, na prática, como mais uma ferramenta de negociação dos produtores com a agroindústria, que ocorrem no âmbito das Comissões para Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs). A ideia é que os dados embasem as próximas reuniões para viabilizar a adequação da remuneração que as empresas fazem, hoje, aos suinocultores.

“A tabela de remuneração está defasada e leva em conta uma realidade de 15 anos atrás. Na integração, a indústria sustenta o produtor na crise, mas precisa entender que a realidade mudou, com custos que não foram mensurados lá atrás. Além disso, os custos também aumentaram. Então, esses indicadores devem ser usados para tentar se chegar a uma remuneração mais justa ao produtor”, aponta Nicolle Wilsek.

“Essa é uma discussão que vai ser ampliada por meio das Cadecs, até porque é hora de o produtor ter uma remuneração melhor, em virtude do cenário positivo para a suinocultura”, diz o presidente da Comissão Técnica de Suinocultura da FAEP, Reny Gerardi de Lima.

Em parte, isso ocorre porque a indústria e os produtores têm planilhas que divergem em alguns pontos, como a remuneração por funcionários. As integradoras preveem

um pagamento por trabalhador, mas não leva em conta encargos trabalhistas, como férias e rescisões. No médio prazo, isso acaba onerando o produtor, gerando perdas significativas às granjas. Outro ponto é o valor pago pelas indústrias pelas instalações – que, segundo os suinocultores, está defasado.

“Vários pontos da nossa planilha a indústria ainda não aceita. A gente está demonstrando que são dados verídicos, com base na realidade do mercado. Acredito que num curto período, nós podemos conseguir essas adequações, com o respaldo da Federação. Hoje, a indústria está mais aberta. Eles já não são uma ‘caixa-preta’ que não se abria”, define Gerardi de Lima.

“Os integrados ficam vinculados à empresa e não tem poder de barganha em relação ao resultado do seu trabalho. É a agroindústria que define quanto paga e tudo mais. E o papel da Federação é muito importante, porque dá aos produtores um referencial e uma ferramenta para discutir a remuneração do seu trabalho”, diz o consultor da FAEP, Ademir Francisco Giroto.



Câmbio e apetite asiático impulsionam atividade

Alguns fatores impulsionaram a suinocultura paranaense no segundo semestre. Um dos principais é o aumento bastante expressivo da demanda da China, que teve seu rebanho de suínos reduzido à metade em razão de um surto de Peste Suína Africana. De janeiro a outubro, o Brasil ampliou suas exportações de carnes (suínos, aves e bovinos) aos chineses em 44%.

Além disso, o aumento contínuo do dólar tem se refletido em bons resultados para os suinocultores. Por um lado, o produtor recebe mais pelo quilo de produto exportado. Por outro, o aumento das vendas externas vem se refletindo na valorização do complexo carnes no mercado interno. A ressalva é que a alta do dólar pode aumentar o custo de insumos.

“As perspectivas para o ano que vem são boas, porque será preciso muita carne no mercado internacional, em virtude do que aconteceu na Ásia. Além disso, há sinais de reaquecimento da economia, o que é bom para o mercado interno”, observa Gerardi de Lima.



Por Nicolle Wilsek
Técnica
DE TEC - Sistema FAEP/SENAR-PR

Espaço para negociação

Após 18 meses de crise, 2019 foi o ano de recuperação na suinocultura. Desastre sanitário enfrentado na Ásia e Europa e abertura de novos mercados para carne suína brasileira permitiram a recuperação dos valores negativos desde o final de 2018 e projeção dessa estabilidade para os próximos meses de 2020. Porém esse cenário vanglorioso só é vivenciado pela produção de suínos independente no Estado. Produtores integrados não foram contemplados com esse ajuste na entrega de seus lotes. Algumas integradoras fizeram correções em porcentagens no valor da entrega do produtor, porém muito aquém da real projeção de melhora do mercado. Sabe-se que a integração tem por diretriz a viabilidade econômica ao produtor, mesmo em momento de crises, não permitindo que o mesmo pague sozinho pelos prejuízos, mas como foi validado pelo levantamento de custo realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, hoje o valor que está sendo pago, não sustenta, em nenhuma das fases, a atividade a longo prazo. Muitos produtores não estão conseguindo se sustentar na atividade, tendo que buscar outras fontes de renda, inclusive para pagar financiamentos da mesma. O levantamento de custo realizado é uma ferramenta de suma importância nos momentos de negociação das Comissões de Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs), previstas na Lei da Integração 13.288/2016, e tem total legitimidade para ajustes decisivos entre indústrias e produtores.

O que é:

Saldo de Custos Variáveis: Quanto sobra para o produtor, após cobrir despesas fixas das granjas

Saldo de Custo Total: Quando sobra para o produtor, após pagar os Custos Operacionais, e cobrir as taxas de depreciação de máquinas e equipamentos, e da taxa de remuneração do capital investido

Sistemas de produção

Veja quais são as fases e os sistemas de produção na suinocultura e a que corresponde cada uma

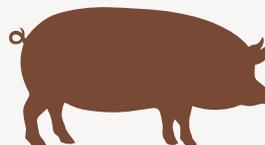
Ciclo completo: Esse tipo de produção intensiva abrange todas as fases e tem como produto final o suíno terminado. O produtor é dono do plantel e da instalação, também é responsável pela compra dos insumos e pela comercialização dos animais terminados. Esse tipo de produção é visto hoje com suinocultores independentes ou cooperados.

UPD - Unidade Produtora de Leitões Desmamados: Esse tipo de produção é responsável pelo setor de reprodução, maternidade e desmame dos leitões. A gestação tem duração de aproximadamente 114 dias. No processo, as fêmeas são transferidas de 5 a 7 dias antes da data prevista do parto para o setor de maternidade, para se adaptar-se ao ambiente e parirem os leitões nesse ambiente. Após 21 a 28 dias do nascimento, os leitões são desmamados e transportados para os crechários.

UPL - Unidade Produtora de Leitões: Esse tipo de produção é igual a UPD, exceto na parte que não há deslocamento dos leitões na fase de creche, a mesma ocorre dentro desta unidade. Os animais saem desta instalação com média de 65 dias para a fase de crescimento/terminação em outra unidade.

Crechário: fase de produção intermediária, em que a unidade recebe os leitões e os cria até o crescimento/terminação, o que ocorre quando os animais completam a média de 65 dias de vida.

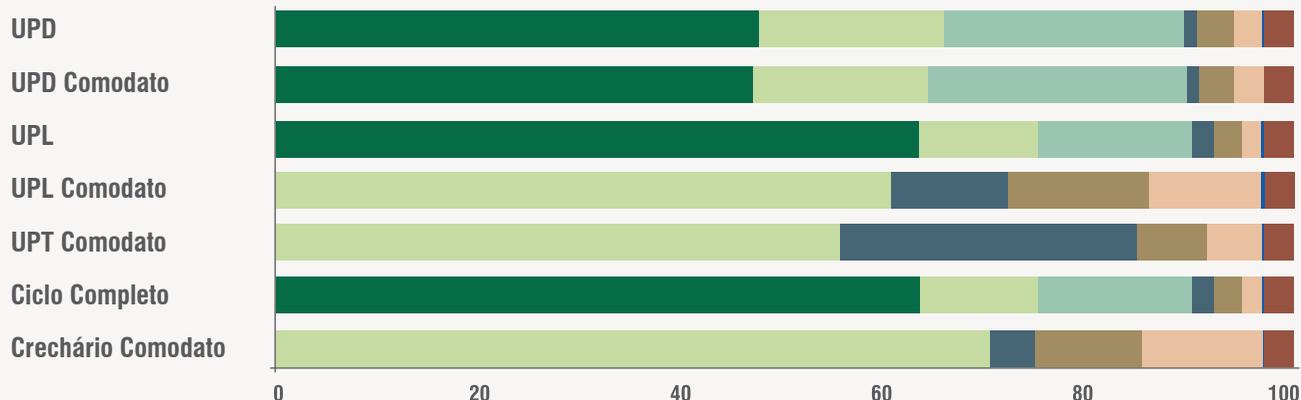
UPT - Unidade Produtora de Terminação: Fase final da produção de suínos. Recebe leitões de crechários para realizar as fases de crescimento e terminação, com objetivo de engordar o animal e prepara-lo para o abate.



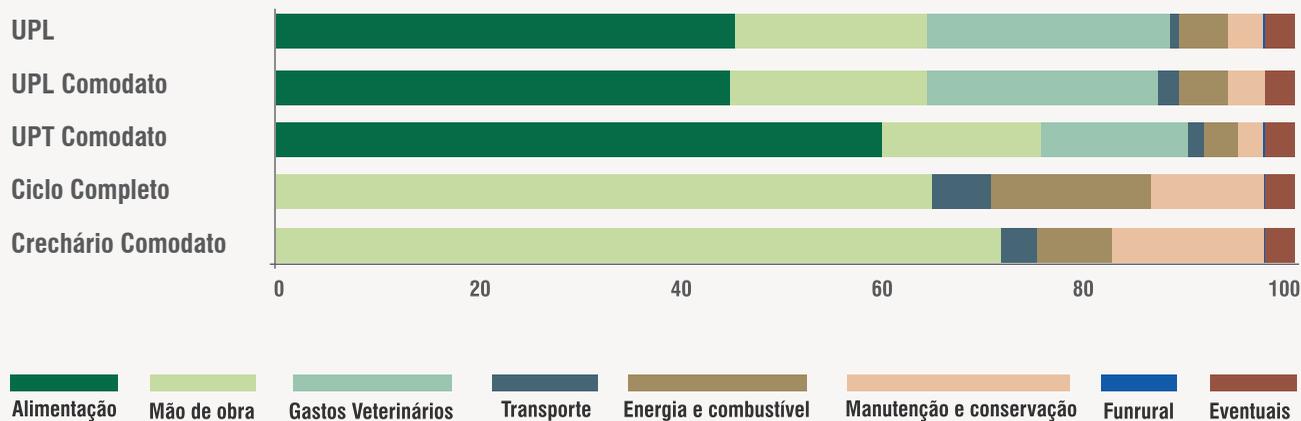
Custos

Veja a quanto corresponde cada item que compõe os custos variáveis, em cada fase da produção (%)

Sudoeste



Oeste



Fonte: Levantamento dos custos de produção/Sistema FAEP | Elaboração: Infografia

O levantamento

Para elaborar o levantamento, técnicos e consultores do Sistema FAEP/SENAR-PR estabeleceram um roteiro, que contemplou as regiões Oeste e Sudoeste do Paraná, que se destacam por terem suinocultura forte. A metodologia foi desenvolvida pela Embrapa e aperfeiçoada pelo mestre em economia rural e consultor da FAEP, Ademir Francisco Giroto. O modelo de cálculo leva em conta cada item que compõem a planilha de custos da atividade, incluindo a depreciação de equipamentos e insumos e a remuneração sobre o capital de giro. Chegaram-se, então, a valores médios, que refletem a realidade da cadeia produtiva naquele período.

“Em cada rodada, são convocados produtores, representantes de agroindústrias e fornecedores de insumos, para que todos estejam presentes e possam validar os dados. Isso faz com que a gente chegue a um retrato muito próximo da realidade”, disse Giroto.

Com leve melhora no fim do ano, produtores esperam 2020 mais positivo

Levantamento de custos sinaliza diminuição do intervalo entre lotes e reajustes pontuais nos repasses da indústria. Maioria dos produtores, no entanto, segue no prejuízo

Por Antonio Carlos Senkovski



Os custos de produção da avicultura tiveram, de modo geral, uma leve melhora nos últimos meses de 2019, mas o cenário ainda é de prejuízo na maior parte dos aviários do Paraná. Essa é a conjuntura apontada pelo recente levantamento de custos de produção da atividade promovido pelo Sistema FAEP/SENAR-PR. O trabalho compreende informações repassadas pelos próprios produtores das principais regiões produtoras - Campos

Gerais, Norte, Oeste e Sudoeste -, referentes ao mês de novembro.

O levantamento sinaliza que, em relação à fotografia da avicultura tirada em junho, houve reajustes pontuais nos repasses das indústrias aos produtores (veja o gráfico com exemplos na página 16). Os aumentos, no entanto, não foram suficientes para proporcionar um reequilíbrio à atividade. No caso do frango pesado, a situação é um pouco

melhor, com alguns produtores com pequenas margens e a maioria conseguindo apenas cobrir os custos operacionais (leia na coluna na página 18). No caso do griller (leve), em geral, a receita consegue defender apenas os custos variáveis.

De acordo com o economista Luiz Eliezer Ferreira, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, há uma discrepância bastante grande entre as diferen-



Ferreira alerta, no entanto, que é possível ver, em um plano um pouco mais amplo, prejuízos maiores para quem atua com frango leve. “Em termos de custo, o resultado do griller chama bastante atenção. Em geral, o produtor consegue pagar apenas os custos variáveis, ou seja, apenas aquilo desembolsando no curto prazo. Se a situação seguir assim, o produtor não vai poder se manter na atividade no longo prazo. Para quem atua nesse segmento, será necessário traçar estratégias diferentes para as negociações com as empresas para garantir a viabilidade da produção”, avalia.

Aposta para 2020

Apesar dos resultados não serem ainda positivos, a leve melhora constatada no fim do ano significou um certo alento ao campo. O movimento faz os produtores seguirem com esperanças de que 2020 será um ano melhor, aponta o presidente da Comissão Técnica (CT) de Avicultura da FAEP, Carlos Bonfim. “Esperamos que com o possível aumento do consumo interno de frango, com essa alta da carne bovina, e toda a conjuntura favorável da proteína animal por conta da demanda chinesa, tenhamos um ano melhor do que foi 2019”, torce.

O apetite chinês foi voraz sobre as exportações em 2019, de acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA). De janeiro a outubro, a China comprou 444,7 mil toneladas de carne de frango, aumento de 22% em relação ao mesmo período de 2018. O volume representa mais de 13% de toda a carne de aves exportada pelo Brasil no ano. Em termos financeiros, o comércio do produto em 2019 fez entrar US\$ 931,7 milhões no país, crescimento de 38% em relação aos dez primeiros meses de 2018.

Na leitura de Bonfim, caso o aumento no preço no mercado interno se concretize e as exportações à China sigam embaladas, a expectativa é que no primeiro trimestre de 2020 deva ocorrer uma resposta mais firme em relação a reajustes nos repasses da indústria aos avicultores. “Esse levantamento de

custos em mãos é algo primordial para sabermos como está região por região. Para negociarmos e exigirmos melhores condições de produção, temos que ter parâmetros, saber como as unidades estão trabalhando em cada local. Esses números servem de norte para as reuniões de Cadecs (veja quadro na página 18) ou mesmo para negociações diretas no caso das cooperativas”, avalia o presidente da CT.

Reflexos no campo

O produtor José Carlos Spoladore, de Cianorte, no Norte do Paraná, é um dos que constatou uma queda no intervalo entre lotes. Ele possui quatro aviários com capacidade para 120 mil aves. “Chegamos a ter 60 dias de intervalo entre lotes. Agora estamos com cerca de 10 dias”, revela. “Mas em relação a valores, não tivemos maiores pagamentos mesmo com toda essa demanda da China e o aumento da carne bovina. A tendência é melhorar para nós no ano que vem”, espera o avicultor.

Por outro lado, Henrique Moraes, produtor em Japira, no Norte Pioneiro, lembra que no verão há custos adicionais com eletricidade para manter a produção de frangos. No caso dele, são 120 mil aves em quatro barracões. “Nesses últimos meses, têm aumentado muito o custo porque esquenta, o que exige ligar a ventilação com maior frequência. Quanto à remuneração, faz tempo que não tem aumento”, pontua. “Para quem já está no negócio, dá para ir levando o barco. Mas é preciso deixar a atividade mais atrativa, pois está defasado. Hoje, para quem vai entrar do zero, é uma atividade inviável”, opina.

No Oeste do Paraná, Ademir Campagnollo, de Toledo, aponta uma situação menos favorável em 2019, mas que nos últimos meses sentiu uma melhora. Ele possui 11 barracões, com um total de 280 mil aves. “Em 2020, acredito que teremos uma perspectiva melhor, o cenário mundial nos leva a acreditar nisso. Apesar de o mercado estar bastante aquecido, com a demanda chinesa em alta, o mercado leva um tempo até absorver esses ganhos e repassar aos produtores”, analisa.

tes integradoras e modelos de produção. “Quando olhamos no detalhe, vemos que uma integradora consegue fazer mais lotes por ano e pagar quase R\$ 0,20 a mais por frango, por exemplo. Além de diferenças significativas em outros índices, como o de mortalidade. Então, é impossível fazer uma análise no todo e apontar uma só tendência. É preciso considerar essas particularidades e comparar esses resultados”, recomenda.

Quanto custa produzir aves no Paraná

Durante o trabalho, foram levantados dados nas seguintes localidades e tipos de aviários



é um modo diferenciado na produção, que leva apenas cerca de 30 dias até o abate



é o modo convencional na produção, onde o frango leva cerca de 45 dias até o abate

CASCADEL

- 100x12m*
- 130x12m
- 150x16m

CIANOORTE

- 150x16m

FRANCISCO BELTRÃO

- 100x12m

DOIS VIZINHOS

- 100x12m
- 150x16m

CAMPOS GERAIS

- 100x12m
- 150x16m

LONDRINA

- 125x12m
- 160x16m

CHOPINZINHO

- 100x12m
- 100x12m
- 140x14m
- 150x16m
- 150x24m

CAMBARÁ

- 125x12m
- 140x14m
- 150x16m
- 165x18m

TOLEDO

- 100x12m
- 125x12m
- 130x14m
- 150x16m

* Medida(s) do(s) barracão(ões) em metros



Ademir Campagnollo, de Toledo, otimismo com a demanda chinesa

Balanco

Sobre os resultados, Ademir Francisco Giroto, responsável pela metodologia do levantamento dos custos de produção, faz coro aos avicultores, de que a tendência é de um ano melhor em 2020. “A perspectiva é positiva, com alguns pontos isolados mais complicados. É preciso ter um pouco de otimismo, mas com cuidado”.

Apesar disso, Giroto alerta para eventuais mudanças de cenários no futuro, o que exige planejamento de longo prazo dos avicultores. “Não podemos construir vários aviários, um atrás do outro, pois daqui a pouco a China resolve não querer mais frango e teremos problemas. Eles [chineses] já estão dando uma certa segurada, pois não estão dispostos a pagar qualquer preço”, aconselha.

Conceitos

Antes de ir aos resultados, é preciso entender algumas definições



CUSTO VARIÁVEL

É o valor que o avicultor precisa ter à disposição para produzir um lote de frangos e para garantir sua manutenção na atividade no curto prazo. São os gastos com mão de obra, energia elétrica, lenha, cama, manutenção, seguro das instalações, combustível, dentre outros.



CUSTO OPERACIONAL

É o Custo Variável somado à depreciação de instalações e equipamentos. A depreciação corresponde à perda de valor do aviário ao longo de sua vida útil. O avicultor não desembolsa este valor efetivamente, mas essa reserva é necessária para que ele possa substituir seus ativos e permanecer na atividade no longo prazo.



CUSTO TOTAL

É o Custo Operacional somado à remuneração sobre o capital. O índice serve de parâmetro para se calcular o capital investido e desembolsado pelo avicultor a cada lote, caso fosse aplicado na caderneta de poupança (rendimento 6% ao ano).

Fonte: Sistema FAEP/SENAR-PR



Mão de obra: vilã dos custos, mais uma vez

Pelo segundo levantamento consecutivo, os custos com mão de obra foram os que mais ocuparam espaço no bolso do produtor – embora o peso do item tenha tido uma certa redução. Em Cambará, na produção de griller, por exemplo, a mão de obra representou 32,56% dos custos variáveis em junho e em novembro caiu para 31,18%. Em Londrina, o item respondia por 27,44% dos custos variáveis, contra 26,39% atualmente.

Ainda, no mesmo município, o aumento da representatividade do custo de energia elétrica na produção de frango pesado era de 18,73% em junho, passando para 24,16% em novembro.

“Esse levantamento de custos em mãos é algo primordial [...] para negociarmos e exigirmos melhores condições de produção”

Carlos Bonfim, presidente da Comissão Técnica de Avicultura da FAEP



Segundo Henrique Moraes, os custos aumentam no verão por conta do calor

Evolução dos custos e receitas entre junho e novembro 2019

Frango *griller* (R\$ por cabeça)

MUNICÍPIOS	DOIS VIZINHOS		CAMBARÁ		CAMPOS GERAIS		CHOPINZINHO	
Tamanho (metros)	150x16		150x16**		150x16**		100x12	
Mês de 2019	Junho	Novembro	Junho	Novembro	Junho	Novembro	Junho	Novembro
Lotes/ano	7,88	7,50	7,46	6,72	8,21	8,21	7,84	7,81
DESPESAS								
Mês de 2019	Junho	Novembro	Junho	Novembro	Junho	Novembro	Junho	Novembro
Custo Variável	R\$ 0,264	R\$ 0,289	R\$ 0,311	R\$ 0,351	R\$ 0,285	R\$ 0,289	R\$ 0,409	R\$ 0,433
Custo Operacional	R\$ 0,417	R\$ 0,449	R\$ 0,460	R\$ 0,521	R\$ 0,435	R\$ 0,435	R\$ 0,577	R\$ 0,608
Custo Total	R\$ 0,502	R\$ 0,537	R\$ 0,537	R\$ 0,607	R\$ 0,514	R\$ 0,513	R\$ 0,664	R\$ 0,701
RECEITAS								
Valor recebido com a venda de frangos	R\$ 0,350	R\$ 0,350	R\$ 0,426	R\$ 0,441	R\$ 0,269	R\$ 0,285	R\$ 0,420	R\$ 0,450
RESULTADOS								
Saldo sobre custo total	- R\$ 0,152	- R\$ 0,187	- R\$ 0,111	- R\$ 0,166	- R\$ 0,245	- R\$ 0,228	- R\$ 0,244	- R\$ 0,251

Frango pesado (R\$ por cabeça)

MUNICÍPIOS	CHOPINZINHO		TOLEDO		CIANORTE		LONDRINA	
Tamanho (metros)	150x16		150x16**		150x16**		160x16	
Mês de 2019	Junho	Novembro	Junho	Novembro	Junho	Novembro	Junho	Novembro
Lotes/ano	5,70	5,70	6,29	6,19	4,15	5,98	6,08	6,00
DESPESAS								
Mês de 2019	Junho	Novembro	Junho	Novembro	Junho	Novembro	Junho	Novembro
Custo Variável	R\$ 0,479	R\$ 0,515	R\$ 0,488	R\$ 0,508	R\$ 0,492	R\$ 0,516	R\$ 0,554	R\$ 0,606
Custo Operacional	R\$ 0,716	R\$ 0,758	R\$ 0,711	R\$ 0,738	R\$ 0,849	R\$ 0,748	R\$ 0,771	R\$ 0,852
Custo Total	R\$ 0,848	R\$ 0,891	R\$ 0,829	R\$ 0,861	R\$ 1,041	R\$ 0,876	R\$ 0,889	R\$ 0,987
RECEITAS								
Valor recebido com a venda de frangos	R\$ 0,760	R\$ 0,760	R\$ 0,720	R\$ 0,750	R\$ 0,950	R\$ 0,900	R\$ 0,950	R\$ 1,000
RESULTADOS								
Saldo sobre custo total	- R\$ 0,088	- R\$ 0,131	- R\$ 0,109	- R\$ 0,111	- R\$ 0,091	R\$ 0,024	R\$ 0,06	R\$ 0,013

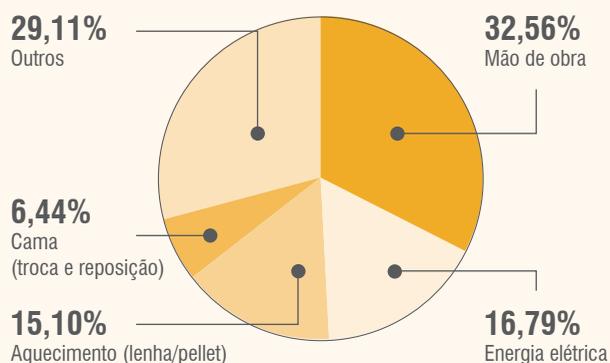
** Referente a granja com dois aviários | Fonte e Infografia: Sistema FAEP/SENAR-PR

Composição dos custos variáveis

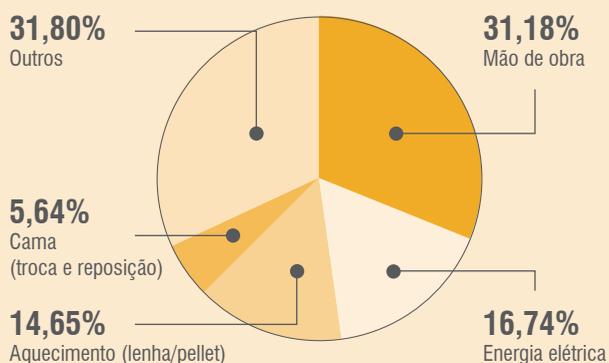
Confira os itens que mais pesam no bolso do produtor

CAMBARÁ - AVIÁRIO DE 150X16M | GRILLER

Junho 2019

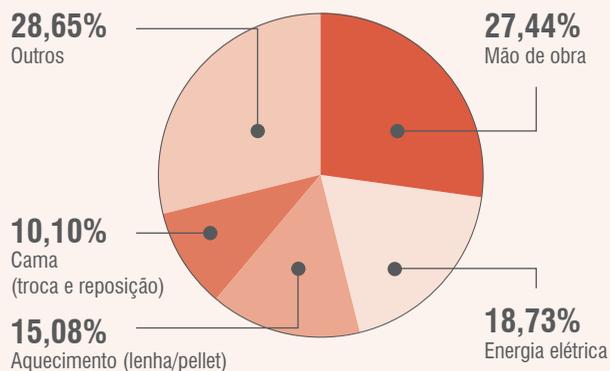


Novembro 2019

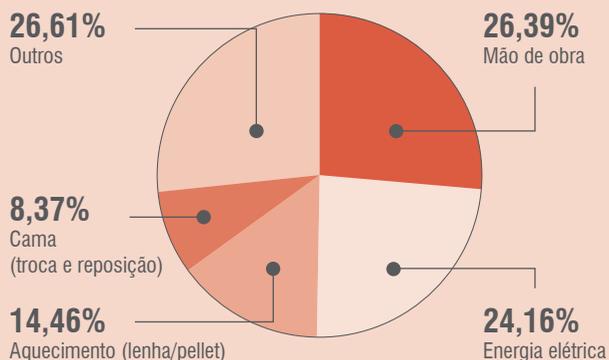


LONDRINA - AVIÁRIO DE 160X16M | PESADO

Junho 2019



Novembro 2019



O papel das Cadecs

As Comissões de Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs) são espaços para negociações com representantes, em número equilibrado, dos produtores e das agroindústrias integradoras. A formação delas é obrigatória conforme a Lei da Integração (13.288 de 2016). Cada Cadec precisa ter em sua composição 10 membros titulares e 10 suplentes, sendo metade pelo lado dos pecuaristas e o restante da empresa.

Com o trabalho conjunto dos envolvidos, esses espaços de diálogo já se consolidaram como referência no Paraná, que se tornou modelo para todo o país. Atualmente, das 32 plantas industriais existentes no Estado, 21 possuem Cadecs formadas.

O produtor José Carlos Spoladore, de Cianorte, elenca a mobilização e participação nos sindicatos rurais, associações e outras entidades representativas como um fator fundamental para a conquista de melhorias à atividade.

“Mobilizar as pessoas e levá-las a participar é uma grande dificuldade nossa. Na minha opinião, o povo precisa estar mais unido, se informar das coisas que estão acontecendo. É preciso estar junto na hora de debater e chegar a soluções para os problemas. Porque sozinho não temos como conseguir as coisas, mas unidos, nós temos força”, resume.

Levantamento completo

As planilhas detalhadas com os custos de produção da avicultura estão disponíveis no site www.sistemafaep.org.br, na seção Serviços.



Por Mariana Assolari

Técnica

DETEC - Sistema FAEP/SENAR-PR

Algumas conquistas, mas ainda tímidas

A retomada do levantamento de custos de produção em 2019 já subsidiou os produtores nas negociações junto às agroindústrias. As negociações aconteceram nas reuniões de Cadec (Comissão para Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração), onde as planilhas foram apresentadas para discussão e consenso dos preços técnicos e coeficientes aplicados. A agroindústria esteve presente nos levantamentos, tornando esse processo de negociação mais eficiente.

Ainda, tivemos nos painéis realizados em novembro maior participação de avicultores de cooperativas, principalmente na região Oeste do Paraná, onde os números mostraram práticas e resultados diferentes nas agroindústrias que participaram, entre integradoras e cooperativas.

Embora alguns reajustes na remuneração ao produtor rural tenham sido realizados, as conquistas ainda são tímidas quando observamos o panorama estadual da avicultura. A crise sanitária na China representou um aumento na exportação de frango brasileiro para o país asiático. O Paraná é responsável por aproximadamente 50% do volume. Além do expressivo volume exportado, a China, juntamente com Reino Unido e Alemanha, paga os melhores valores por tonelada da carne de frango.

O Sistema FAEP/SENAR-PR irá continuar esse trabalho em 2020, apoiando o avicultor paranaense na construção de uma atividade financeiramente sustentável. Mas, vale lembrar que a participação dos atores da cadeia – sindicatos rurais, avicultores, representantes das agroindústrias, vendedores de equipamentos e demais instituições – é essencial para a evolução do trabalho e conquistas almejadas pelo setor produtivo.

Homenagem em Cornélio Procópio

O ex-presidente do Sindicato Rural de Cornélio Procópio, Floriano José Leite Ribeiro, foi homenageado pela diretoria e funcionários da entidade e produtores da região, no dia 13 de novembro, pelos relevantes serviços prestados à classe produtora. O atual presidente Marco Geraix enfatizou que Ribeiro foi um verdadeiro líder e que conduziu o Sindicato com sabedoria, promovendo eventos e cursos técnicos em conjunto com o Sistema FAEP/SENAR-PR. Ribeiro comandou a entidade entre 2002 e 2019.



Falecimentos

Em novembro, a representatividade sindical rural no Paraná perdeu importantes líderes. No dia 1º, Euler Gonçalves, 79 anos, de Cianorte, no Noroeste do Paraná, faleceu. Gonçalves ocupou a presidência do Sindicato Rural de Cianorte de 1976 a 2012. No dia 9, o líder sindical Aryzone Mendes de Araújo, 90 anos, de Francisco Beltrão, no Sudoeste, morreu após ter contribuído ao longo de toda a sua vida para o desenvolvimento da região. No dia 18, José Edegar Pereira, aos 65 anos, um dos fundadores do Sindicato Rural de Querência do Norte, no Noroeste do Paraná, faleceu na Santa Casa da cidade. No dia 22, o presidente do Sindicato Rural de São João do Ivaí, Luiz Flórido Alcântara, 76 anos, morreu. O líder bastante conhecido na região prestou inúmeros serviços na representatividade dos produtores rurais.



200 anos de Guarapuava

No dia 9 de novembro, a cidade de Guarapuava, na região Centro-Sul do Estado, completou 200 anos. Entre tantos motivos, o município comemora a solidez do agronegócio local, que gera riquezas e desenvolvimento para região. De acordo com dados do IBGE, 60% da cevada colhida no país são paranaenses, sendo que, deste percentual, 40% da produção proveniente de Guarapuava. Além da cevada, outros grãos e a pecuária de corte são produzidos com qualidade e quantidade no município. Os dois séculos de construção e desenvolvimento de Guarapuava tiveram contribuição direta de fazendeiros, agricultores e pecuaristas, entre tantas profissões.



Agrinho em Palmeira

No dia 20 de novembro, a Secretaria de Educação de Palmeira, em parceria com o Sindicato Rural, realizou a revelação dos contemplados no Programa Agrinho Municipal. O programa Agrinho vem há anos pautando a compreensão sobre o papel do ser humano no meio onde vive com os professores e alunos da rede municipal, através de diversas atividades que os ajudam a refletir e opinar. Neste ano foram enviadas nove experiências pedagógicas, 14 desenhos, 57 redações, e três relatos Escola Agrinho, feitos com muita criatividade e compreensão aos temas.

Outubro Rosa & Novembro Azul

Em todos os cantos do Estado, a mobilização em prol da prevenção do câncer de mama e de colo de útero e de doenças masculinas, como o câncer de próstata, está enorme. Confira as fotos de colaboradores dos sindicatos rurais do Paraná que estão abraçando a causa.



#ABRACESSACAUSA





 Sindicato Rural de Ivaté



 Sindicato Rural de Morretes



 Sindicato Rural de Porecatu



 Sindicato Rural de Quedas do Iguaçu



 Sindicato Rural de Santa Mariana



 Sindicato Rural de São João

Parceria pelo planeta

No Dia Mundial do Solo, escolas de Castro, na região dos Campos Gerais, se mobilizam pela preservação do meio ambiente





Plantio de mudas mobilizou a comunidade escolar de Castro

A importância de preservar o solo sempre esteve entre as preocupações do Programa Agrinho, iniciativa do Sistema FAEP/SENAR-PR que trabalha junto às novas gerações conceitos como cidadania, saúde, segurança e meio ambiente, premiando anualmente os melhores trabalhos de alunos e professores. Desde 2017 este tema ganhou relevância adicional com a criação de uma nova modalidade, o Agrinho Solos, do qual participam trabalhos e experiências pedagógicas que tenham foco nesta temática.

No dia 5 de dezembro, quando se comemora o Dia Mundial do Solo, o Agrinho Solos participou das atividades do Dia Mundial do Solo, representando o Paraná em uma competição internacional promovida pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). Na ocasião, diversas atividades realizadas no município de Castro, nos Campos Gerais, marcaram a importância da data por meio de apresentações culturais e educativas.

A escolha de Castro não se deu por acaso. As escolas do município vêm se destacando nas iniciativas voltadas à proteção do solo. Em 2019, das quatro experiências pedagógicas finalistas da categoria Agrinho Solos, três foram castrenses, inclusive a vencedora da categoria no concurso. O mesmo ocorreu em 2018, quando uma professora local levou para casa o automóvel zero quilômetro conferido como prêmio ao primeiro lugar da categoria Agrinho Solos.

As ações promovidas pela secretaria de Educação de Castro começaram ainda na parte da manhã na Escola Vila Rosário. Na ocasião, a professora Dábila Batista de Andrade, autora de um dos projetos finalistas no Agrinho Solos deste ano, apresentou o resul-

tado das ações realizadas ao longo do ano. Seu projeto “Rosário Verde” ajudou a despertar junto aos alunos a importância de uma alimentação saudável e da preservação do meio ambiente.

Após os relatos dos alunos quanto aos aprendizados ao longo do projeto, eles apresentaram a paródia de uma música sobre a conservação do solo. Na canção elaborada pelas crianças, a letra trata de uma certa minhoca que ajuda a cuidar do solo. Segundo Dábila, no ano que vem o projeto deve ser expandido para toda a escola. “Aqui contamos com muito apoio para este tipo de proposta, tanto do sindicato rural quanto da secretaria [de educação]”, declarou a docente.

De acordo com a secretária municipal de Educação de Castro, Rejane de Paula Nocera, presente no evento, o segredo do bom desempenho das escolas do município no campo da preservação do solo é o engajamento dos professores. “A adesão dos docentes aos projetos é voluntária e temos percebido que estão cada vez mais engajados. Na minha percepção, isso ocorre porque eles acreditam na proposta do Programa Agrinho”, observou.

Sintonia com a educação

O segundo destino da programação foi a Escola Jardim Bela Vista, vencedora na categoria Escola Agrinho, na modalidade Ensino Fundamental, em 2019. É neste espaço que a professora Gislaine Ferraz e Silva desenvolveu o projeto “Reciclando atitudes para salvar nosso solo”, experiência pedagógica premiada com o primeiro lugar do Agrinho Solos este ano.



As crianças foram protagonistas da campanha da FAO no Paraná



Escola Jardim Bela Vista



Alunos e professores participaram do plantio



Escola Jahyr Lopes

Também nesta escola houve apresentações musicais e culturais das crianças com a temática da conservação de solos, além dos projetos dos alunos desenvolvidos no âmbito do Agrinho Solos ao longo do ano.

Segundo Gislaire, o diferencial de Castro pode ser explicado pela solidariedade e pelo trabalho conjunto dos envolvidos. “Aqui tem muito compartilhamento de ideias, um [professor] ajuda o outro, todo mundo atua em sinergia. A secretaria fornece estrutura, a escola abre oportunidades e disponibiliza condições de efetivar as ações”, observou.

Na ocasião, o prefeito de Castro, Moacir Fadel, também refletiu sobre o desempenho diferenciado dos professores do município no concurso Agrinho. “O segredo é a dedicação e o comprometimento dos nossos professores e diretores das escolas”, afirmou.

Segundo a pedagoga Patrícia Lupion Torres, consultora do SENAR-PR e criadora do Programa Agrinho, “Castro coloca em prática os principais fundamentos da educação”. A educadora participou de todas as atividades que marcaram o Dia Mundial do Solo em Castro.

Plantando o futuro

O terceiro destino das atividades do Dia Mundial do Solo foi a escola municipal Jahyr Lopes. No período da tarde, os alunos apresentaram peças de teatro, música e dança com o tema da conservação. Na ocasião, os pais foram convidados a participar da cerimônia, mostrando que os efeitos do programa têm reflexos na comunidade.

O programa Agrinho também tem seu lugar nesta escola. O projeto “Prazer em conhecê-lo, sou o Mono de Castro”, desenvolvido no âmbito do Agrinho Solos, trabalhou com a temática da preservação da biodiversidade. Mono é uma espécie de macaco encontrado na região que sofre risco de extinção.

Para a professora Gisele do Prado Faria, o Agrinho tem feito muito sucesso na escola. “Percebemos que o Agrinho completa os conteúdos das disciplinas, além de tratar de temas que as crianças adoram”, avaliou.

Basta uma palavrinha com os alunos para perceber que a lição está sendo bem aprendida. “O macaco Mono é nosso amigo, é o jardineiro da floresta, pois ele vai plantando árvores”, afirmou o estudante Vinícius Oliveira, de nove anos. Ele e seus colegas apresentaram, no evento, peças de teatro, música e dança que ensaiaram ao longo de todo ano, com a temática comum da proteção do meio ambiente.

Após as apresentações, um grupo de alunos e autoridades se dirigiu ao Parque Lacustre, próximo à terceira escola, onde aconteceu o plantio de diversas mudas de árvores. Presente na ação, o presidente do Sindicato Rural de Castro, Eduardo Medeiros, destacou a importância do Programa Agrinho na formação de novas gerações comprometidas com o meio ambiente. “Pelo que vejo nesta e em outras atividades do Agrinho, teremos uma geração mais preocupada com questões como conservação e sustentabilidade”, observou.

Este tipo de ação vem em boa hora. De acordo com relatório da FAO, de 2016, 33% dos solos do planeta estariam degradados.

Futuro mais verde

O plantio de mudas de árvores no Dia Mundial do Solo fez parte da campanha “Greening the Future” (em tradução livre: Tornando o Futuro Mais Verde), promovida pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). A campanha convidava os participantes para o “desafio da foto”, no qual os participantes deveriam posar para uma imagem durante o plantio das mudas segurando um cartaz com a hashtag #StopSoilErosion (pare com a erosão de solo). Em Castro, duas escolas participaram do plantio de mudas: Escola Caic e Escola Bernardo Litzinger.

“Hoje é dia de cuidar do solo. Vamos concorrer juntos neste concurso e vocês vão representar o Estado do Paraná” explicou Patrícia Lupion Torres, criadora do Programa Agrinho, que capitaneou a ação.

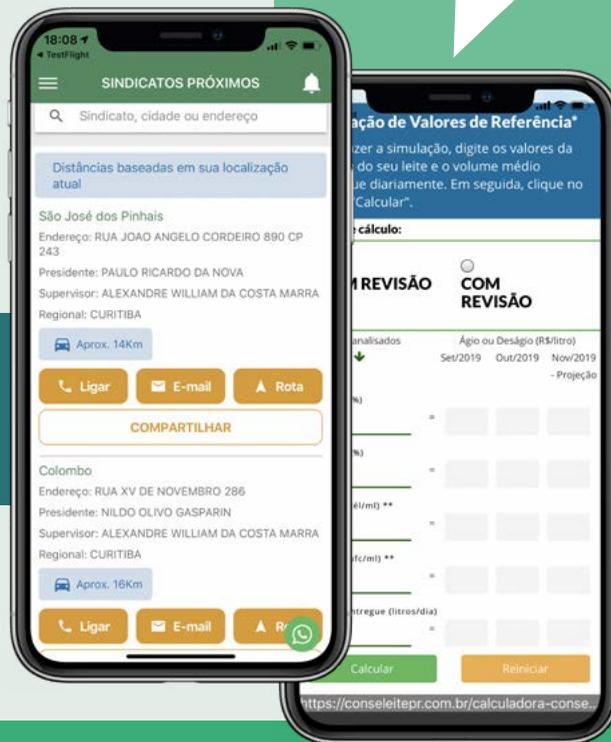


A secretária de educação Rejane Nocera e Patrícia Lupion



Escola Vila Rosário

Na palma da mão



Valores de referência

Os valores de referência do leite padrão e da cana-de-açúcar (cana básica) no Paraná também estão disponíveis aos usuários do aplicativo do Sistema FAEP. Mensalmente, novos valores são publicados. Para acompanhar as informações basta acessar os itens Conseleite e/ou Consecana no menu do aplicativo.

Outro recurso do aplicativo é a tela dos sindicatos rurais no Paraná. Nela é possível localizar a entidade mais próxima a partir da localização do usuário, e assim obter dados para contato, ou até mesmo traçar uma rota do percurso.

O aplicativo do Sistema FAEP é atualizado quinzenalmente com melhorias para tornar a experiência cada vez mais útil.

Para mais informações ou envio de sugestões, basta digitar no navegador no celular ou desktop o endereço:

app.sistemafaep.org.br

LIDERANÇA RURAL

Desde julho, o Sistema FAEP/SENAR-PR, em parceria com o Sebrae-PR e os sindicatos rurais, está promovendo o curso de Liderança Rural em todas as regiões do Estado. Confira os municípios que já realizaram a formação.



Turma 39 - Guarapuava



Turma 37 - Palotina



Turma 40 - Goioerê



Turma 38 - Guapirama



Turma 41 - Realeza

Memória do Campo



Turma 42 - Ivaiporã



Turma 43 - Astorga



CONFIRA O VÍDEO DO CURSO

É fácil!

• Ligue a câmera do seu celular, aponte para o **QR Code**, acesse o link e assista. Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.

• Ou assista ao vídeo do curso no nosso site sistemafaep.org.br



Consumo de carne suína tem alto potencial de crescimento no País

Durante o evento "Suínos, Saúde e Social" - Semana da Suinocultura Paranense, que aconteceu entre os dias 09 e 11 de novembro no Mercado Municipal de Curitiba, ficou evidente a necessidade de fazer uma maior divulgação de carne suína junto aos consumidores.

Entre os consumidores que visitaram os estandes de empresas que atuam no segmento, sendo conhecidos lançadores de produtos e gostam de provar novidades. Foi evidente a necessidade de que o produtor investa mais em publicidade para que a carne suína esteja mais presente na mesa dos brasileiros.

A professora Nilce Feitosa, que participou do curso, afirmou que o aumento do consumo de carne suína está diretamente ligado a uma maior divulgação dos produtos nos mercados sanitários. "É preciso reforçar, junto à população, sobre o avanço que temos feito em relação à qualidade sanitária no Brasil. Muitas vezes se tem o preconceito. Faltam informações. O mesmo de comunicação é o que devemos fazer mais sobre variedade e qualidade relacionadas à nutrição", comentou.

Para a professora, a informação que ajuda a educar para consumo "tudo é uma questão de cultura. Por

isso, quando passamos a falar com o produtor que o alto consumo de carne suína, entre os membros de sua família, tem uma razão de ser. "Somos brasileiros. Na casa de minha mãe, por exemplo, comemos carne suína, pelo menos quatro vezes na semana", comentou.

A publicitária Tânia Tchaykoski também destacou a questão cultural como um fator que influencia o consumo de alimentos e disse que é

importante ao consumidor no momento que levar para casa. "Como não há uma oferta, sempre pareceu ser a parte ruim da carne", disse Tchaykoski. Ela explicou que, com a informação, também se cria interesse em produtos com segurança suína.

Após finalizar o alto consumo

Mais carne suína na mesa

A suinocultura também foi tema de um Boletim Informativo do fim do ano em 2007. A edição 983 tratou do potencial de aumento no consumo de carne suína no mercado interno, a partir do depoimento de consumidores durante um evento no Mercado Municipal de Curitiba para a promoção do alimento.

"Acho que é preciso reforçar, junto à população, sobre o avanço que temos tido no que se refere às questões sanitárias no Brasil", comentou, na época, a professora Nilce Feitosa, que participou do evento. "Dou preferência às partes mais magras do suíno. Quando compro pernil, já compro em rodelas que trazem gordura em torno delas, elas derretem e a carne fica mais saborosa", opinou a publicitária Tânia Tchaykoski, que também esteve no local durante o encontro.

Na ocasião, segundo a organização Suinosul, o brasileiro consumia, em média, 12 quilos de carne suína por ano. Na Região Sul do país, esse índice subia para 20 quilos por ano, mesmo assim longe da média europeia de então 45 quilos *per capita*. Hoje, de acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal, o brasileiro come cerca de 15 quilos de suíno por ano. A proteína animal mais consumida é o frango, com mais de 40 quilos por ano.



INDIANÓPOLIS

PÁ CARREGADORA

O Sindicato Rural de Cianorte, Secretaria de Agricultura de Indianópolis, Prefeitura Municipal de Indianópolis e Centro de Referência a Assistência Social (CRAS) promoveram o curso “Trabalhador na operação e na manutenção de pá carregadora - NR 31.12”, entre os dias 9 e 13 de setembro. O instrutor Eraldo Moreira da Silva capacitou sete pessoas.



RIBEIRÃO DO PINHAL

SEGURANÇA NO TRABALHO

Nos dias 17 e 18 de setembro ocorreu o curso “Trabalhador na segurança no trabalho - NR 33 - espaço confinado - trabalhador e vigia”, organizado pelo Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal e Prefeitura Municipal. O grupo de 10 alunos teve aula com o instrutor Guilherme Borotta de Campos.



CAMPINA DA LAGOA

QUALIDADE DE VIDA

Um grupo de 30 pessoas participou do curso “Qualidade de vida da melhor idade – idosos”, com a instrutora Aline Loise Martins. A capacitação organizada pelo Sindicato Rural de Campina da Lagoa ocorreu no dia 18 de setembro.



ANDIRÁ

OPERAÇÃO DE DRONES

Entre os dias 19 e 21 de setembro, o instrutor Rafael Andrzejewski comandou o curso “Trabalhador volante da agricultura - agricultura de precisão - operação de drones”. A capacitação promovida pelo Sindicato Rural de Andirá e Sítio São João preparou oito pessoas.



MUNHOZ DE MELLO

CASQUEAMENTO

Um grupo de oito pessoas participou do curso “Trabalhador na equideocultura - casqueamento e ferrageamento”, organizado pelo Sindicato Rural de Astorga. As aulas com o instrutor Rodrigo Augusto Bittencourt Pereira ocorreram entre os dias 23 e 26 de setembro.



SALGADO FILHO

PRODUÇÃO ARTESANAL

Nos dias 25 e 26 de setembro ocorreu o curso “Produção artesanal de alimentos - conservação de frutas e hortaliças - conservas molhos e temperos”, promovido pelo Sindicato Rural de Francisco Beltrão. A instrutora Claudete Teresinha Kunz Labonde treinou 15 pessoas.



PALOTINA

BÁSICO EM MANDIOCA

A instrutora Silvia Lucia Neves ministrou o curso “Produção artesanal de alimentos - beneficiamento e transformação caseira de mandioca - básico em mandioca” para um grupo de 12 pessoas, nos dias 26 e 27 de setembro. A capacitação foi organizada pelo Sindicato Rural de Palotina.



ARAUCÁRIA

HOLAMBRA

No dia 28 de setembro, o Sindicato Rural de Araucária organizou uma viagem dos produtores rurais do município para a 38ª Expoflora, em Holambra, no Estado de São Paulo.

VIA RÁPIDA



Própolis

O própolis é a resina produzida pela abelha para formar a estrutura das colmeias. Mas para nós a substância é um poderoso antiviral que reduz o risco de algumas doenças, pois ativa os anticorpos no nosso corpo, o que ajuda a reconhecer os micro-organismos maléficos.



Mc Donald's da Islândia

Antes da rede de lanchonetes Mc Donald's encerrar suas atividades na Islândia, em 2009, o cidadão Hjortur Smáráson comprou o último lanche e o guardou em uma sacola por três anos. Quando, em 2012, o pacote foi aberto, veio a surpresa: o lanche não apresentava sinais de decomposição. Desde então, o lanche passou por várias exposições e hoje está em um hostel no Sul do país, vigiado por uma webcam 24 horas por dia.



Estrelas cadentes

Por mais poético que possa parecer, estrelas não caem do céu. O que vemos atravessar o céu a noite são meteoros, pequenos pedaços de pedras que entram em contato com a nossa atmosfera e, posteriormente, em combustão. Quando essas pedras caem no nosso solo são chamadas de meteoritos.

Afinal, bacalhau tem cabeça?



Claramente que sim. O peixe tem sua cabeça retirada nas fábricas dos cais dos portos, juntamente com as suas tripas. Porém essas partes "exóticas" do pescado têm outro público, o asiático. Esse é o motivo de não encontrarmos muitas cabeças por aqui. Aliás, o bacalhau não é um peixe propriamente dito. Trata-se do processo de salga do peixe. As espécies usadas são cinco: *Gadus morhua* (ou Cod, o legítimo bacalhau, muito consumido em Portugal), *Gadus macrocephalus*, *ling*, *saithe* e *zarbo*.

Conosco

Manuel foi visitar seu amigo João bem na hora do almoço. Chegando lá, João, que estava almoçando com sua família, convidou Manuel para comer junto:

-Manuel, venha comer conosco?

Manuel educadamente respondeu:

-Não, não, obrigado.

-Ô Manuel, venha comer conosco!

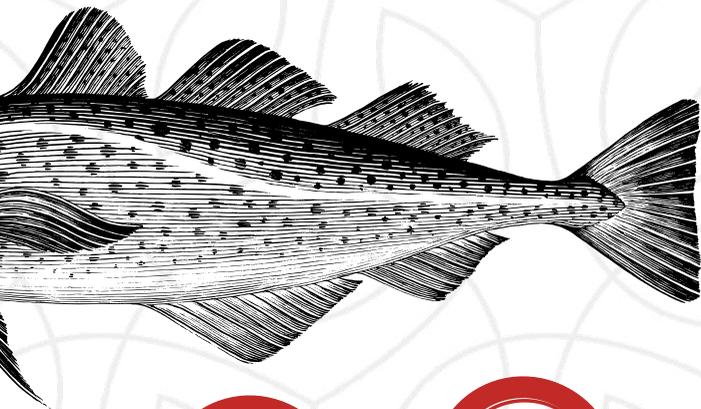
Então ele falou:

-Está bem, mas só um conosquinho!



Pé de cabra

Na região desértica do Marrocos é possível presenciar aglomerados de cabras em cima de árvores de argan de uma só vez. Isso porque elas adoram a fruta e as folhas da árvore. Afinal, como o clima traz escassez de comida, sua alimentação precisa ser diversificada.



Brinquedos viajantes

Existe uma agência de viagens no Japão especializada em realizar tours com o seu bichinho de pelúcia. Os donos pagam para que a agência proporcione passeios pelos principais pontos turísticos japoneses, que envia fotos e relatos em tempo real. Os pacotes variam de R\$ 100 a 200. O serviço abrange até a postagem do bichinho.



Os cinco sabores

Existem cinco sabores que nós conseguimos detectar: doce, salgado, amargo, azedo e umami. O umami vem do japonês e representa algo muito delicioso. Esse sabor é encontrado em alimentos ricos em proteínas e nós temos um receptor especial para captação do mesmo.

Boas festas e um feliz 2020!

O encerramento de um ciclo vem acompanhado de um momento de reflexão. Pensamos sobre o caminho que percorremos para chegar onde estamos hoje, analisamos erros e acertos, ponderamos sobre ações e atitudes que precisam ser melhoradas e, é claro, planejamos o futuro. Para o setor produtivo não poderia ser diferente.

Podemos encarar a chegada de 2020 como o início de uma nova safra. Portanto, é com o mesmo empenho e dedicação que faremos uma boa colheita. Que as conquistas de 2019 renovem a inspiração para os próximos projetos e a determinação para vencer os desafios que estão por vir. Esses são os meus votos, da diretoria, dos colaboradores e do corpo técnico do Sistema FAEP/SENAR-PR para a família rural paranaense, que transforma o Paraná em terra próspera.

Ágide Meneguette
Presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |
Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |
Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

